

ACIDENTES DO TRABALHO NA PESCA (1)

Uma contribuição ao Estudo

Eng.^o Agrônomo Raimundo Saraiva da Costa
Departamento de Engenharia de Pesca
Centro de Ciências Agrárias da UFC
Fortaleza-Ceará

— INTRODUÇÃO

Inquieto pela incerteza de seu destino, o homem sempre quis, desde as mais remotas épocas, decifrar o futuro. Idêntica preocupação tiveram as comunidades humanas, ao querer prevenir desastres possíveis e prever os efeitos dos seus planos, nos quais fundamentavam seu desenvolvimento.

Em quaisquer circunstâncias do labor humano, desastres são possíveis de ocorrer e os seus prejuízos podem ser do mais simples até o de obstaculizar o desenvolvimento sócio-econômico de um país.

Na época atual, quando a ciência há conquistado uma importância destacada na vida dos povos civilizados, espera-se que ela resolva os problemas do amanhã, dando indicações sobre as medidas a serem tomadas, nos mais distintos campos de atividade, com o fim de prevenir os males.

Na solução de problemas, a ciência deve arrolar uma série de conhecimentos que aliados aos prognósticos, ensinam a formação de princípios. Tais princípios constituem um conjunto de elementos de juízo que facilitam a tarefa dos técnicos, a cujo encargo está a organização, o desenvolvimento e a orientação das operações de determinado campo de atividade.

Ao se fazer referência a princípios, em trabalho desta ordem, decorre de sua importância, como posteriormente poderá ser observado, uma vez que eles podem servir de guia, conquanto persigam a finalidade de manter qualquer atividade desenvolvida dentro dos limites racionais.

A adoção destes princípios na legislação internacional e nacional, permitirá aplicá-los com critério uniforme em todos os países interessados no melhor aproveitamento dos recursos em geral da natureza.

— O ACIDENTE NA PESCA

O conceito de acidente, segundo a concepção técnica, é "qualquer ocorrência que interfere no andamento normal do trabalho". Uma evidente distorção é encontrada ao se confrontar esta dissertação com a que o diploma legal brasileiro traz em seu bojo, ao caracterizar acidente do trabalho: "todo aquele que ocorrer pelo exercício do trabalho, a serviço da empresa, provocando lesão corporal, perturbação funcional ou doença, que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho". Ora, é sabido que além do homem, podem estar envolvidos nos acidentes, vários outros fatores de produção, como máquinas, ferramentas e tempo, todos com potencialidades de, direta ou indiretamente, causarem acidentes ao próprio homem. Evidentemente, que a vida e a saúde do homem têm mais valor do que as perdas naturais, razão pela qual buscou o legislador definir o acidente com a finalidade de proteger o trabalhador acidentado. Pela lei brasileira, concebe-se que o acidente só ocorre se dele resultar um "ferimento", embora seja este apenas uma das consequências do acidente. Segundo o que a técnica diz, é que o acidente pode ocorrer sem provocar lesões pessoais.

Face ao anteriormente referido e tendo em vista as características da pesca, com suas peculiaridades, facilmente se concebe que muita há que estudar neste conjunto. Não obstante, sabe-se que em todos os casos haverá prejuízo à produção e sob os aspectos de proteção ao homem, resulta serem igualmente importantes todos os acidentes com e sem lesão, em virtude de não se poder prever quando de um acidente, vai resultar ou não, lesão no trabalhador.

Ao se fazer abordagem ao homem da pesca, linhas atrás, foram apenas efetuadas considerações sobre os pescadores e só parcialmente quanto aos trabalhadores nas indústrias de pescado. Na realidade, várias são as classes de profissionais e que se encontram sujeitas aos acidentes de trabalho, dentre as quais podem ser citadas como principais, as seguintes: o profissional pescador que tem limitada a sua atividade na pesca das águas doces em geral, nas águas estuarinas, nas águas costeiras e na exploração das áreas sedimentares dos manguezais; o profissional pescador de alto-mar, caracterizado por seus conhecimentos mais aprofundados da pesca e da navegação; o profissional caçador de mamíferos marinhos; o profissional cultivador de organismos aquáticos (de mar, estuário e de águas doces), ou seja, um indivíduo especializado nas técnicas de aquicultura; o operário das fábricas de conservas e similares; o trabalhador dos armazéns e oficinas das indústrias de pescado; e, o profissional técnico das indústrias de pescado. Todos eles formam, o elemento profissional da pesca, constituindo uma organização técnico-social na extração e valorização dos produtos do ambiente aquático.

Grande parte dos acidentes que ocorrem no setor pesqueiro, provém de riscos comuns em todos os ramos da indústria e em todos os locais de trabalho. Ainda que a predominância de cada um desses riscos comuns, varia entre uma indústria e outra, entre um local de trabalho e outro, os riscos em questão sempre existem. Por outro lado, certos ramos da indústria se caracterizam por seus riscos específicos, devendo ser estes, objetos de maior detalhamento e acuidade, num estudo de acidentes do trabalho na pesca. Sem dúvida, em ambos os casos, se fez sentir a necessidade de conhecimentos teóricos e práticos, além de um suporte de um banco de dados e informações. Neste particular, deve ser ressaltada a dificuldade de obtenção de registros, que permitam informações concernentes aos acidentes que se verificam. Isto certamente constitui fator limitante à orientação de medidas de prevenção mais necessárias ou que devam ser adotadas em caráter prioritário na pesca. Mesmo assim, algumas considerações serão feitas a seguir, tomando-se como referência a condição e a situação brasileira.

Em pesca, os acidentes se verificam nas mais diversificadas condições de ambiente e situações: nas águas das bacias hidrográficas de numerosos e diferentes rios, nas represas, açudes, lagos e viveiros; nas águas estuarinas e áreas de manguezais; nas águas costeiras e de alto mar; nos terminais pesqueiros e nos locais de desembarque de pescado; nas mais simples ou complexas unidades de elaboração do pescado; e, nas unidades de armazenamento, transporte e venda de pescado. Podem eles ocorrer no desempenho da exploração dos recursos pesqueiros, desde ao usar o mais simples método, como parece ser a apanha ou captura manual, até ao de utilizar-se um mecanismo mais complicado e complexo, como a exploração através de barcos-fábrica. Ainda podem ter ocorrência ao se fazer a elaboração ou processamento do pescado, numa unidade simples como um galpão destinado à salga, em cujo empreendimento, apenas deve contar com pescado, instrumento de corte e sal ou até numa unidade de processamento industrial

mais complexa como a de obtenção de farinha ou azeite de pescado.

Como se pode verificar, são muitos os ramos das atividades pesqueiras e portanto ampla é a área de estudo de ocorrência de acidentes. Como muito pouco tem sido feito neste aspecto, um procedimento recomendável e de grande importância, seria a catalogação de registros de acidentes verificados com suas respectivas causas, seja materiais ou pessoais (as primeiras, decorrentes das condições existentes nos locais de trabalho, e as segundas dependentes do próprio homem), segundo cada uma das sub-unidades da pesca ou atividade típica (pesca de sardinha, pesca de galão, unidade de cultivo de pescado, unidade industrial de farinha de pescado, unidade de venda de pescado etc.). Como estas fazem parte das unidades operativas do sistema denominadas setor primário, secundário e terciário da pesca, ter-se-ia o inventário dos acidentes por setor e/ou sub-setores afins. Um trabalho dessa ordem se impõe, porquanto poderá evidenciar os possíveis prejuízos decorrentes dos acidentes, na produção dos produtos pesqueiros e no contingente humano, atualmente estimado em 600 mil trabalhadores. Destes, 400 mil se dedicam à exploração e os 200 mil restantes nas atividades complementares dos setores secundários e terciários.

As causas dos acidentes do trabalho no setor pesqueiro pode-se afirmar serem semelhantes àquelas dos diversos ramos industriais, ou sejam: as condições inseguras, os atos inseguros e as atitudes inseguras. Como condição insegura, de um local de trabalho, compreende-se as falhas físicas que comprometem a segurança do trabalhador, tais como defeitos, irregularidades técnicas, falta de equipamento de proteção, desordem, sujeira etc; os atos inseguros podem ser entendidos como amaneira pela qual o trabalhador se expõe, consciente ou inconsciente a riscos de acidentes, como negligência, excesso de confiança, ignorância, preocupações alheias ao trabalho etc; e, atitudes inseguras são as atitudes impróprias como o desrespeito às instruções, interpretações errôneas das normas, nervosismo, incapacidade física para o trabalho etc.)

Como materiais e situações que em geral ocasionam acidentes no setor pesqueiro, podem ser citados os seguintes: ferramentas em geral destacando-se os artefatos de pesca, os das embarcações e os objetos cortantes usados nas indústrias pesqueiras; as máquinas em geral, principalmente as de processamento de pescado; estruturas ósseas do pescado; fogo; eletricidade; explosivos; gases, ácidos, solventes, tintas e outras substâncias químicas; escadas, quedas de objetos; convés e pisos derrapantes.

Nos barcos pesqueiros, acidentes podem ser constatados em decorrência do precário estado das seguintes partes: casco, nas suas obras vivas e mortas, costuras e rebites; válvula de fundo e de aspiração d'água para os condensadores, isoladores de zinco e buchas dos eixos propulsores; leme, governaduras e engaxamento; cavername, principalmente sob máquinas motoras, tanques de lastro e de água de reserva; duplos fundos, tanques de lastro, de aguada e de óleo combustível, depósitos, compartimento de colisão, túneis dos eixos propulsores; porões e paióis de amarra, de tinta, de mantimentos, de cabos, etc; amarras e âncoras ou similares. Também, podem ocorrer acidentes pelo precário funcionamento e situação das estruturas a seguir mencionadas; compartimentos e anteparas estanques; convés e superestruturas; vigias, portinholas, portas estanques e tampas das escotilhas; limpeza e higiene dos compartimentos; balsas e bóias salva-vidas; mastreação, aparelhos de mastros, guinchos, aparelhos de suspender e fundear; rede de alagamento, esgoto e incêndio; bombas, mangueiras e

extintores, portáteis, aparelhos de canalizações sanitárias; máquinas motoras, condensadores, linhas de eixo, vedagem das buchas dos eixos e das gaxetas das hastes de êmbolos; máquinas elétricas e instalações; máquinas e câmaras frigoríficas; camisa de colisão, bóias e coletes salva-vidas.

Na exploração do pescado, realizada nos mais diversos ambientes aquáticos, verificam-se acidentes por uma série de condições e atos inseguros, como: abalroamento e naufrágio de barcos por causas naturais, falhas mecânicas, quebra de estrutura e imperícia do(s) profissional(ais); operação inadequada dos equipamentos e artes de pesca; reações e comportamento do pescado no ato da captura; ocupação inadequada do espaço físico de trabalho a bordo; deficiência de iluminação e ventilação; e outras, conforme adiante se menciona. Já nos setores de elaboração e armazenamento, transporte e venda do pescado, em que as atividades são desenvolvidas em terra, os acidentes ocorrem, de maneira geral, bastante semelhantes àqueles observados nas demais indústrias dos outros setores da economia do País. São geralmente por falta de protetores em máquinas e equipamentos; má arrumação e falta de limpeza na área de trabalho; pouco espaço na área de trabalho; instalações elétricas inadequadas ou defeituosas; iluminação e ventilação inadequadas; ficar junto ou sob cargas suspensas; usar máquinas sem habilitação ou permissão; ligar em alta velocidade ou com sobrecarga, máquinas ou equipamentos; lubrificar, ajustar e limpar máquinas em movimento; empregar ferramentas de forma inadequada; não usar as proteções individuais; fumar e usar chamas em lugares indevidos; apressar-se apenas para ganhar tempo; falta de atenção durante o trabalho, dentre outras.

O setor pesqueiro do nosso País, constitui sem dúvida, um dos que mais necessita submeter-se a uma avaliação tanto na parte relativa a Segurança do Trabalho ou Segurança Ocupacional, como também na parte da Medicina do Trabalho ou Medicina Ocupacional. Difícil e árdua é a realização de uma tarefa dessa ordem, notadamente ao se atentar que as atividades do setor se desenvolvem no âmbito dos 8.500.000 quilômetros quadrados do território nacional, nas coleções d'água do país que tem o maior número de rios do mundo e possuidor de uma das maiores fronteiras marítimas, estimada em cerca de 7.548 quilômetros de extensão.

Se acaso pasarmos com as dimensões das dádivas naturais do nosso País, há que deslumbrar também, das quantidades de acidentes laborais, muitos dos quais ignorados, que atingem os trabalhadores da pesca ou que prejudicam a produção. Tanto assim é que, em qualquer comunidade pesqueira ou grupo de profissionais pescadores, são comuns os acidentes que poderiam ser considerados como decorrentes de riscos específicos, se é que assim podemos chamá-los. Vejamos alguns destes acidentes a seguir, relatados de modo sumário.

Inúmeros são os casos de acidentes verificados por organismos aquáticos, notadamente animais, a seres humanos — a pescadores com especialidade. Referências bibliográficas existem, que relacionam incontáveis espécies aquáticas perniciosas ao homem, como: tubarões e arraias, piranhas e pirambebas, poraquê, moréia, barracuda, peixe escorpião, bagre e baiacú, candiru, dentre outros; caravelas, ostras, caramujos (Planorbídeos), barata d'água, jacaré, etc. A guisa de exemplo de acidentes provenientes de animais aquáticos, descrevemos alguns casos com piranhas relatados por Braga (1976): "predatismo de piranhas tem sido considerado de tal ordem, que tornou estes peixes os mais famosos das águas doces. Sobre ataques de piranhas a seres humanos... constituem verdadeiro flagelo em muitos rios do interior do Brasil; houve em Mato Grosso uma horda de selvagens

que usavam uma bolsa de couro protegendo as partes pudendas para evitar os inúmeros casos de castração produzidos por piranhas. Froes (1935) aborda caso dessa natureza constatado em Manaus e Marcgrave (1648) menciona que a piranha tem tanta sede de sangue e desejo de carne humana que devemos fugir dela. Souza (1945) relatou que os indígenas se não atrevem a meter n'água (...) porque remete a eles muito e morde-os cruelmente e se lhes alcança os genitais, leva-lhes cêrceos. Hartt (1941) refere que no Rio São Francisco... há numerosos casos (...) de pessoas atacadas pelo peixe no banho e que foram devoradas. Barros Jr. (1947) diz que... são sem conta as vítimas das piranhas e que em Corumbá... tinham sido devoradas pelas piranhas oito ou nove pessoas de uma só vez e segundo a Associated Press (1966), piranhas devoraram 21 guerrilheiros, no Rio Arauca, Venezuela. Do temor a esses peixes, aproveitou-se um comerciante mafioso, em Boston, U.S.A., Segundo Anônimo (1971) aquele colocou no escritório de sua firma, chamada aliás Piranha & Cia., um aquário repleto desses peixes; e, quando alguém ficava devendo, recebia um simples aviso de que sua mão seria introduzida dentro do aquário — a técnica nunca falhou. No nordeste brasileiro, Fontenele (1960) assinala que... embora sejam poucos os casos fatais provocados por esse peixe indesejável, contam-se aos milhares entre nossos sertanejos os que trazem no corpo cicatrizes ou mesmo mutilação, recordando a agressividade desse habitante da água doce."

Numerosos casos de acidentes oriundos de desastres com embarcações pesqueiras são conhecidos. Nestes, o mau tempo, o insucesso nas manobras e a imprudência, são os fatores causais da maioria destes acidentes, cujas consequências nos trabalhadores (pescadores) são as mais diversas, podendo culminar com a morte.

Muito mais frequentes do que os anteriores, são os casos de acidentes que provêm do uso dos artefatos e instrumentos pesqueiros, durante a faina de pesca. Nestes, os fatores causais principais são vários, podendo-se citar dentre eles: a falta de atenção; pouco espaço na área de trabalho; o apressar-se em ganhar tempo, que na maioria das vezes está em função da exigência da operação ou da ambição binominal pescado-dinheiro; falta de proteção individual e dos instrumentos. É comum constatar-se pescadores com lesões, as mais variadas, decorrentes da utilização de anzóis, redes de pesca, pau de vela, remo, cabos e outros artefatos.

Em pesca, seja na exploração, embarcado ou não, seja nas indústrias de processamento, em terra, facilmente pode-se citar um sem número de casos de aci-

dentos, de maiores ou menores consequências, e que chamaríamos de usuais ou mais frequentes. Tais acidentes ocorrem: pela utilização de objetos cortantes no tratamento do pescado; pelo manuseio do gelo em sua estocagem, transporte e fragmentação; pelo choque térmico provocado pelas câmaras frigoríficas; pelas substâncias químicas usadas no processamento do pescado; por queimaduras com fluidos refrigerantes; por choque elétrico; por sujeira do local de trabalho; por deslizamento (escorrego) do trabalhador no local de trabalho; por ruídos e vibrações; iluminação e ventilação deficientes, no local de trabalho; pela exposição a radiações e temperaturas elevadas; pelo teor de mercúrio na água de certas áreas estuarinas; e, por agressão, negligência e outros fatores semelhantes.

Do que foi anteriormente tratado, procurou-se conduzir os fatos arrolados mais no sentido de acidentes do trabalho em si, do que de moléstias profissionais. Na realidade, estas últimas também ocorrem no setor pesqueiro e podem ser facilmente concebidas dos próprios dados e informações expostas. O acidente e a moléstia apesar de serem gerados por uma causa externa, fortuita, oriunda do fato da prestação do trabalho, determinando dano físico, caracterizam-se: o primeiro pela *subitaneidade* e o segundo pela *continuidade*. A violência do acidente do trabalho é sempre decrescente, enquanto a moléstia profissional possui uma ação contínua, de marcha crescente e progressiva.

É sabido que muitas são as doenças profissionais em trabalhadores do setor pesqueiro. Citam-se como mais frequentes: as do aparelho respiratório; as alérgicas (respiratórias e dermatológicas); as dermatites de contacto; as afecções reumatológicas; e, a esquistossomose.

Indubitavelmente, milhares de trabalhadores da pesca se acidentam a cada ano em nosso país, sofrendo lesões, que provocarão seu afastamento temporário ou permanente do trabalho e em muitos casos até mesmo a morte. É preciso que algo seja efetuado no sentido de evitar que tais eventos continuem a ocorrer, levando sofrimento físico e moral aos trabalhadores e suas famílias. No cômputo geral, estima-se que cerca de três milhões de pessoas dependem direta ou indiretamente da atividade da pesca.

A grande maioria das pessoas, físicas ou jurídicas, envolvidas no setor pesqueiro, não tem noção clara dos prejuízos ocasionados pelos acidentes do trabalho, o que dificulta a alocação de recursos financeiros necessários para a prevenção e o controle destes. Na prática, o custo dos acidentes termina incorporado ao preço final do produto, prejudicando o consumidor e a economia do País.

O NÚCLEO DE ATIVIDADES INTEGRADAS DO CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICA OFERECERÁ NO PRÓXIMO SEMESTRE OS CURSOS, A NÍVEL DE EXTENSÃO, ABAIXO RELACIONADOS:

- DIMENSIONAMENTO DE REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE VAPOR.
 - ESPECIFICAÇÃO DE MOTORES ELÉTRICOS-WEG.
 - CURSO SOBRE NORMAS TÉCNICAS (CONCRETO ARMADO E PROTENDIDO)
- ALÉM DISTO TAMBÉM SERÁ OFERTADO, A NÍVEL DE ESPECIALIZAÇÃO, UM CURSO SOBRE ENGENHARIA DE SEGURANÇA DO TRABALHO.
-
-

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS CIVIS ABENC

Em 1978, durante as reuniões de Coordenadores de Câmaras Especializadas dos CREA's, no Rio de Janeiro, onde se debateram temas como:

1) Licitação de projetos; Registro de Pessoa Jurídica; Critérios de permissão dos profissionais, para que sejam responsáveis técnicos por mais de uma pessoa jurídica. Empreiteiros de mão-de-obra; Entidades de classe, registro e representação nos CREA's; Procedimento da fiscalização do exercício profissional na atividade de loteamento. Instituições de Comissões de atribuições profissionais nos CREA's; Convenção Regional sobre o reconhecimento de estudos e Diplomas de Ensino Superior na América Latina e no Caribe e Convênio de Cooperação Cultural e Científica Brasil-Chile, diversas dúvidas foram suscitadas e o papel da representação de classe no CREA deu origem a uma série de análises e ponderações dos participantes. Porém, uma delas mereceu destaque especial, a de não se encontrar em nenhum grupo, nem um representante de uma Associação de Classe dos Engenheiros Civis.

2) Discutindo-se e analisando-se a estrutura das diversas Associações, Sindicatos, Clubes, Institutos, Sociedades etc., que mantêm representantes junto aos CREA's, percebeu-se que, para o Engenheiro Civil, faltava alguma coisa e que algumas Entidades de Classe guardavam entre si ligeira semelhança com a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

3) Em termos de Organização Nacional dos Engenheiros Civis, passaram a trabalhar a idéia de criação de uma Entidade de Classe que empregasse os engenheiros civis nos moldes das Associações de Classe bem sucedidas.

O Encontro durou dois dias (05 e 06.03.78) e, no dia 06 de março de 1978, às 14 horas, duas horas antes da sessão plenária de aprovação dos trabalhos, realizou-se a primeira reunião dos Engenheiros Civis, para a fundação da ABENC. O nome da Associação aprovado pelo plenário foi: Associação Brasileira dos Engenheiros Civis (ABENC) e os objetivos foram prontamente estipulados, por um grupo liderado pelo Eng.º Civil Petrócio-Glabrio Pedrosa de Carvalho, e assim definidos:

a) envidar esforços junto às entidades incumbidas de organizar, fiscalizar e executar o ensino, no sentido de se estabelecerem currículos adequados à realidade da Engenharia Civil;

b) envidar esforços juntos aos Conselhos Federal e Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, no sentido de se obter a fixação de elencos de atribuições condizentes com a real importância da modalidade;

c) colaborar com as autoridades municipais; estaduais e nacionais para o estudo e solução dos problemas relacionados com a engenharia civil;

d) fundar, instalar e manter bibliotecas e cursos de aperfeiçoamento e/ou especialização;

e) promover encontros, palestras, conferências, seminários e outros conclave sobre assuntos que, de qualquer maneira, se relacionem com a engenharia civil;

f) promover a intensificação do intercâmbio sócio-cultural entre os engenheiros civis;

g) promover a fundação de cooperativas de ensino, de crédito, de consumo e de habitação;

h) lutar por uma adequada organização dos serviços de previdência social dos engenheiros civis autônomos e/ou empregados;

i) lutar pela ampliação do mercado de trabalho dos engenheiros civis;

j) pugnar pelo estabelecimento de salários dignos para os engenheiros civis empregados. Seja nas entidades de direito público, seja nas de direito privado;

k) organizar tabelas de honorários profissionais para o engenheiro civil;

l) divulgar um Código de Ética e lutar pela sua obediência estrita;

m) promover o intercâmbio técnico cultural com entidades estrangeiras similares;

n) estimular a organização de serviços de assistência técnica às camadas de baixa renda da população;

o) colaborar com os poderes públicos em tudo o que estiver ao seu alcance.

Hoje, quase todos os Estados da Federação já fundaram seus Departamentos.

O Departamento da ABENC no Ceará foi fundada em 10/06/81 com presença significativa dos Engenheiros Civis. A Ata de sua fundação se encontra transcrita abaixo.



Na foto, os engenheiros José Waldiberto Loureiro de Oliveira e Fernando Borges Moreira Monteiro, respectivamente Presidente e Secretário da Sessão Plenária de Fundação da ABENC-CE.

**ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE ENGENHEIROS CIVIS
- DEPARTAMENTO DO CEARÁ -**

Às 18:00 (dezoito) horas do dia 10 (dez) de junho de 1981 (hum mil, novecentos e oitenta e um), na sala do Plenário do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA/CE, na rua Paula Rodrigues, n.º 304, nesta cidade de Fortaleza, capital do Ceará, reuniram-se os engenheiros civis, cujas assinaturas constam da lista de presença em folha anexa, para constituírem uma sociedade civil sem fins lucrativos, denominada ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS CIVIS - Departamento do Ceará - ABENC-CE.

Foram indicados, pelo Plenário, para presidir a mesa dos trabalhos, o Engenheiro José Valdiberto Loureiro de Oliveira e para secretariá-la, o Engenheiro Fernando Borges Moreira Monteiro.

Iniciando os trabalhos, o Sr. Presidente reafirmou aos presentes que a reunião fora convocada com a finalidade de fundar a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS CIVIS - Departamento do Ceará, integrando uma Federação de Departamentos, coordenados pela Associação Brasileira de Engenheiros Civis.

A seguir o Sr. Presidente convidou o Sr. Secretário para proceder à leitura de uma proposta de estatuto para a ABENC-CE, que foi elaborada com base nos estatutos da Associação Brasileira de Engenheiros Civis e de outros Departamentos da ABENC, já constituídos.

Feita a leitura da proposta do estatuto, em seus capítulos, artigo por artigo, bem como de seus itens e parágrafos, foram os mesmos discutidos demoradamente pelos presentes, emendados e, finalmente, aprovados por unanimidade, passando a fazer parte integrante desta ata.

Em seguida, o Sr. Presidente, face a manifestação do Plenário, declarou fundada a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS CIVIS - Departamento do Ceará - ABENC-CE e solicitou fosse procedida, imediatamente, a eleição de sua primeira Diretoria e Comissão Fiscal.

Foi organizada pelo Plenário uma chapa única, constituída da seguinte forma:

a) Para a Diretoria:

Presidente: Fernando Borges Moreira Monteiro
1º Vice-Presidente: Jordano José Loureiro
2º Vice-Presidente: Jairo Alencar Araripe
1º Secretário: Antonio Augusto Figueiredo Lima
2º Secretário: Hypérides Pereira de Macêdo
1º Tesoureiro: Aldo de Almeida Oliveira
2º Tesoureiro: Francisco Lopes Viana

b) Para o Conselho Fiscal:

Titulares: Jaime Anastácio Verçosa
Jaime Câmara Vieira
José Valdez Botelho
Francisco de Carvalho Martins
José Valdiberto Loureiro de Oliveira

Suplentes: Cesar Ariz Ary
Mário Borges Mamede Neto
Jaime Luiz de Oliveira e Vieira
Jaime Anastácio Verçosa Filho
José Alfredo Sobreira Rocha

O Presidente da Mesa submeteu aos presentes a indicação da chapa única, tendo a mesma sido aprovada por

unanimidade.

Tendo em vista a manifestação do Plenário, o Presidente da Mesa considerou eleita a chapa única apresentada como a primeira Diretoria e Conselho Fiscal da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS CIVIS - Departamento do Ceará e de imediato declarou empossados os seus componentes.

Como ninguém mais desejasse manifestar-se, o Presidente da Mesa deu por encerrados os trabalhos e para constar, eu, Fernando Borges Moreira Monteiro, secretário da sessão, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelo Presidente da Mesa. A lista de presença assinada por todos os engenheiros civis que compareceram à reunião faz parte integrante desta ata e os presentes são considerados sócios-fundadores.



Sessão Plenária de Fundação da ABENC-CE - Vista parcial dos participantes.

HIDREL.

Sempre na cabeça.

O ritmo se torna contagiante;
as formas, arrojadas.
A cidade passa por uma grande transformação.
Hidrel é um nome sempre presente marcado
pela posição sólida que desfruta.
Acompanhando o crescimento de Fortaleza,
pontilhando a cidade com idéias sempre exatas
no campo da engenharia elétrica e hidráulica,
na comercialização de veículos e serviços.
Hidrel. Um grupo que é uma grande idéia.
Sempre na cabeça.

HIDREL

Metro: Rua Floriano Peixoto, 176
FONE: 231 9444 - Fortaleza - Ce



CLUBE DE ENGENHARIA

UMA HOMENAGEM ÀS MÃES

O CEC promoveu no dia 10/05/80 uma expressiva programação dedicada ao Dia das Mães, com a apresentação de um conjunto musical formado por pessoas idosas, desfile de modas, sorteio de brindes e uma homenagem dos maridos às esposas, com o oferecimento de rosas, realizada ao som de uma valsa. Um conjunto musical se encarregou de embalar os casais pelo resto da noite. A festa, que foi um sucesso, teve na sua programação uma comissão de esposas de engenheiros.



No Dia das Mães, a entrega de presentes por Custódio Calandriní Maués.

O BRILHO DO SÃO JOÃO

Como sempre acontece, a programação junina do Clube de Engenharia não poderia deixar de registrar a festa de São João. Houve uma grande noite, que contou com inúmeras atrações, tais como apresentação do conjunto Pé no Chão, da cantora Eulália e do sanfoneiro Nonato, a quadrilha improvisada, além de prêmios ao casal que apresentou o melhor traje caipira.

Enquanto o forró animava a festa e os casais deslizavam dançando pelo salão, barracas vendiam comidas típicas, tais como paçoca, pé-de-moleque, grude, aluá etc. A atração máxima desta noite foi a presença das lindas candidatas ao título da Rainha do Milho. Eram elas: Tereza Maria Vioti, Ana Lídia Maués, Maria Alice Silva, Sandra Maria e Sandra Beviláqua. Vitoriosa, sendo a Rainha do Milho, a linda matuta-morena Teresa Maria Vioti. Foi uma noite das mais brilhantes no CEC, que reuniu um grande número de associados e suas famílias. Este ano, novamente o clube vai promover o São João, com muito mais brilhantismo, temos certeza.

PÁSCOA, UMA TRADIÇÃO

Entre as promoções de caráter tradicional, destacamos a festa da Páscoa, realizada em maio do ano passado e que este ano voltará a ser concretizada. Na sede do CEC reuniram-se famílias de associados, num acontecimento que se caracterizou pelo espírito de cristandade que tomou conta dos que ouviam o nosso "Apelo" e ali se fizeram presentes.

A programação constou de missa oficiada por Monsenhor André Viana Camurça e, em seguida, teve lugar a apresentação de um jogral e números de cantos entoados por jovens da Praia de Iracema.

PAÇOCA FOI SUCESSO

Um sucesso sem precedentes a Paçoca da Cooperação, cuja renda teve o objetivo de ajudar o Clube a saldar os compromissos assumidos para sua manutenção. A programação constou da distribuição da paçoca, baião-de-dois e inúmeros brindes, num autêntico encontro de confraternização dos engenheiros cearenses. Uma charanga e um conjunto musical animaram os presentes à grande festa realizada no dia 17 de maio de 1980, na sede do CEC, na Praia do Futuro.

Falando sobre a Paçoca, o presidente Luiz Ary Romcy afirmou que estava muito satisfeito com o sucesso da mesma, ressaltando que os associados souberam atender a seu apelo.



Na coordenação da "Paçoca da Cooperação" o vice-presidente José Carlos Valente Pontes e o diretor Mário Cartaxo

BAILE DE FORMATURA

O Curso de Engenharia Civil, da UNIFOR, turma do meio do ano de 1980, promoveu seu Baile de Formatura, no Clube de Engenharia do Ceará. Foi uma noite bastante movimentada, tendo como ponto alto, a valsa com os padrinhos e madrinhas.

"O ISOPOR NA CONSTRUÇÃO CIVIL"

O Clube de Engenharia do Ceará - CEC, em conjunto com o Instituto dos Arquitetos do Brasil/secção do Ceará e a Isonor - Indústria de Plásticos S/A, promoveram uma palestra sobre o tema "O isopor na construção civil", no dia 18 de agosto de 1980, no auditório do DAER, tendo como conferencista o engenheiro Fernando Cuevas - BASF, ocasião em que foram exibidos dois filmes intitulados: "Styropor na construção civil no Brasil" e "Concreto leve de Styropor".

FESTIVAL DO FOLCLORE

Com o apoio do O POVO - Rádio e Jornal e do Grupo Cultural Mobral - Cetecaf, o Clube de Engenharia do Ceará promoveu de 22 a 24 de agosto passado o Festival do Folclore. Foram três dias de muita festa nas amplas dependências do CEC, na Praia do Futuro, com total cobertura da imprensa escrita e televisada da capital cearense.

A programação teve início com a apresentação das candidatas a mini-rainha do folclore e respectivos padrinhos. Em seguida, o Grupo do Centro Social Urbano Governador Cesar Cals apresentou números folclóricos, como Sá Mariquinha, Suite de Caminha, Suite Gaúcha, Suite Nordestina e Baião e Xote.

O Festival do Folclore trata-se de uma promoção destinada a prestigiar a nossa cultura popular, constituída de elementos os mais variados e raízes as mais distantes e diversas que, por isso mesmo, conta com uma receptividade cada vez crescente, por parte de todo o povo, que, numa curiosidade natural, procura conhecer e cultivar o seu folclore, o que lhe possibilita uma consciência sempre formada do seu próprio destino.



O diretor Abdala Zarur e o Eng. Paulo Santos na apuração da eleição da Rainha do Folclore

Exibiu-se também, durante a programação, o Grupo de Tradição Cearense, que levou para os associados do CEC os números "Cana verde", "Quadra Junina", "Boi Ceará" e "Côco cearense". No dia 24, quando do encerramento, exibiu-se o Grupo Cultural Mobral, com números folclóricos e o teatro infantil "Irmão Stanislau e seu lobo". Durante o festival houve também apresentação de grupos de violeiros, sanfoneiros e chorinho, além de barracas, leilões e outras atrações.

Foi eleita mini-rainha do folclore a garota Viviane, filha de Maurício Gomes Pereira e de Socorro, participando ainda Camille, filha de Augusto Bento Braga e Silva e de Salete; Jeanne, filha de Carlos Alberto de Castro e Régia, e Melissa, filha de Fernando Dall'Olio e Sarita.



O "bumba-meu-boi" foi destaque no Festival do Folclore

INTERCÂMBIO COM ASSOCIAÇÕES

Por ocasião do XII ENCONTRO DE PRESIDENTES DAS ASSOCIAÇÕES FEDERADAS a FEBRAE (Federação Brasileira de Associações de Engenheiros) organizado pelo Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, de 4 a 6 de setembro, próximo passado, o presidente Luiz Ary Romcy, conseguiu a aprovação em plenário, da proposta de intercâmbio total entre as 52 Associações de Engenharia filiadas a FEBRAE.

A formalização do convênio ficou a cargo da FEBRAE, com a participação direta do representante do CEC junto a esta federação, Eng.º José de Gusmão Campelo Lima, Diretor Comercial da FEM (Fábrica de Estruturas Metálicas) da Companhia Siderúrgica Nacional.

HOMENAGEM A ENGENHEIRANDOS



Associações de classe na homenagem aos engenheirandos da Unifor 80/81

O CEC em 1980, em conjunto com o Sindicato dos Engenheiros do Ceará, Sindicato da Indústria de Construção Civil de Fortaleza, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Associação Brasileira de Engenharia Sanitária - Ceará, Associação dos Engenheiros Industriais, Instituto Cearense de Engenharia de Avaliação e Perícias (ICEAP) e o Instituto dos Arquitetos do Brasil-Ceará, homenagearam os novos companheiros formados pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e pela Universidade Federal do Ceará (UFC), através de encontros regados a chopp e tiragostos.

A CRIANÇA TEVE VEZ

Uma programação das mais intensas aconteceu no Dia da Criança, em 12 de outubro do ano passado, cujo ponto alto foi a presença do renomado dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, que autografou o seu mini-dicionário para a garotada presente. Os mini-dicionários foram distribuídos, através de sorteio, pela diretoria do Clube e a promoção alcançou sucesso absoluto.

Houve ainda a apresentação da banda infanto-juvenil do 5.º Batalhão da Polícia Militar, do teatro infantil do Colégio Maria Goretti, dos corais infantis Demócrito Rocha e José de Alencar. Mereceram aplausos também a apresentação da academia de balé clássico e moderno Jovita Farias e outras atrações. Durante toda a programação foram distribuídas guloseimas entre a criançada presente, tais como picolé, pipoca etc.



O dicionarista Aurélio Buarque de Holanda prestigiou o Dia da Criança no CEC

Na oportunidade, 15 crianças encenaram a peça "Os Saltimbancos", além da apresentação dos números "Sonho de Bailarina", "Os Coelhoinhos", "No Sítio do Pica-Pau Amarelo". Também houve sorteio de presentes com as crianças, numa festa onde crianças homenagearam crianças, mostrando terem cultura. As candidatas à Rainha do Festival do Folclore, receberam homenagem e foram aplaudidas durante toda a cerimônia.

TÉCNICO DA SAAB/SCANIA FAZ PALESTRA COMEMORANDO O DIA DO ENGENHEIRO

O Dia do Engenheiro, como não poderia deixar de ser, mereceu atenção especial do CEC. No dia 10 foi realizado uma palestra sobre "Energia e Tecnologia", com o apoio do NUTEC, COELCE e Proerg, pelo técnico da SAAB/SCANIA do Brasil, Augusto Cesar Saldiva de Aguiar. A palestra agradou a todos pela firmeza do expositor e pela riqueza e precisão dos dados apresentados.

Continuando as comemorações, no dia 11, realizou-se um jantar de conagração dos associados, na sede do Clube, na Praia do Futuro, oportunidade em que o presidente da entidade, Luiz Ary Romcy, fez um balanço das atividades do Clube, e conclamou a todos a se unirem em torno da associação maior de classe, fazendo com que o CEC, realmente atinja suas finalidades na defesa do engenheiro, da engenharia e da comunidade local, regional e nacional.

Vale ainda registrar a colaboração decisiva da COELCE, SINDICATO DOS ENGENHEIROS DO CEARÁ e do SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO

CIVIL DE FORTALEZA, na realização do jantar em comemoração ao dia da classe.



Na palestra sobre "Energia e Tecnologia", o técnico Augusto Cesar Saldiva de Aguiar, da SAAB/Scania do Brasil

Festival do Noel, Natal e Reveillon

O CEC deu início as comemorações natalinas, no dia 20 de dezembro de 1980, com o "Festival do Noel", mais uma promoção para angariar fundos para a sua manutenção, com distribuição de brindes, que teve pleno sucesso.

No dia 21, realizou-se a festa de "Confraternização Natalina", reunindo um grande número de crianças. Houve show de patinação, distribuição de presentes, bombons, pipocas e picolés, além da apresentação do Grupo Potengy, com o número brincadeiras de circo, num show de mágica, reizado, malabarismo, zabumba e uma encenação de uma viagem a lua com a participação das crianças presentes. O contágio de alegria e brincadeira tomou conta da festa em comemoração ao velho Noel.

Dias após, reunindo muitos associados e grande número de convidados especiais, o CEC promoveu o grande baile de "Reveillon", com a venda de mesas atingindo



No reveillon do CEC o carnaval dominou, ao som de uma afimada orquestra

o objetivo previsto pela diretoria. Foi um autêntico conagração dos profissionais engenheiros e de suas famílias. Após a meia-noite, a orquestra passou a executar as tradicionais músicas carnavalescas, com a festa só chegando ao fim por volta das 5 horas da manhã, com o banho de mar e piscina dos incansáveis foliões.